



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

TE[CI]TURAS AMAZÔNICA: NARRATIVAS VISUAIS ENTRE A ARTE E A MODA

Amazonian Weaves: Visual Narratives Between Art and Fashion

Holanda, Paulo César Marques; Doutorando; Universidade Federal do Rio de Janeiro, paulo.flu@sapo.pt¹
Grupo de Pesquisa em História da Arte e Cultura de Moda

Resumo: Este trabalho é resultante de análises da exposição “Te[ci]turas Amazônica”, ocorrida na cidade de Manaus no ano de 2024, como projeto do artista visual Paulo Holanda, sob financiamento de Edital da Lei Paulo Gustavo do município. O artista transformou técnicas têxteis em artes que adentraram galerias e circularam em três zonas da cidade. A exposição desencadeou campo de pesquisa para a fundamentação de intersecções entre áreas conceituais que divergem e se encontram em trânsitos interdisciplinares.

Palavras chave: Te[ci]turas Amazônica; Exposição; Moda.

Abstract: This work is the result of analyses of the exhibition “Te[ci]turas Amazônica”, held in the city of Manaus in 2024, a project by visual artist Paulo Holanda, funded by the city’s Paulo Gustavo Law. The artist transformed textile techniques into art that entered galleries and circulated in three areas of the city. The exhibition sparked research to explore intersections between conceptual areas that diverge and interdisciplinary.

Keywords: Te[ci]turas Amazônica; Exhibition; Fashion.

Introdução

Pensar a moda no contexto amazônico implica deslocar-se de um olhar eurocentrado, que tende a compreendê-la como fenômeno restrito às passarelas e aos centros urbanos globais. Na Amazônia, a moda se constrói como narrativa que costura memórias, identidades e resistências. A exposição Te[ci]turas Amazônica evidencia esse potencial ao apresentar manequins que encarnam matrizes culturais diversas, costurando no próprio tecido a memória histórica de povos que compõem o mosaico amazônico. Possibilitando a visualidade do traje não apenas como vestimenta, mas um dispositivo de memória capaz de reconstituir trajetórias coletivas e ao mesmo tempo, nos provocar reflexões sobre processo de colonização, migração e resistência.

¹ Doutorando em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. Professor substituto na Faculdade de Artes da Universidade Federal do Amazonas. Artista visual e curador independente.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

As práticas têxteis sempre foram marginalizadas no cânone das artes, muitas vezes associadas ao trabalho feminino, doméstico e artesanal. As obras produzidas mesclaram técnicas de corte e costura que representam a diversidade e histórias de seringueiros, indígenas, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais deste imenso mosaico social amazônico. Como objetivo da pesquisa, busquei tensionar reflexões entre a produção artística e a sua importância para a compreensão social e cultural da Amazônia, uma vez que o artista também é um corpo amazônico. Foram apresentadas 6 (seis) composições têxteis, onde cada manequim feminina representava um povo parte da história da formação sociocultural da Amazônia: ribeirinhas, asiáticas, quilombolas, europeias, indígenas e africanas.

Temos ciência dos primeiros colonizadores como europeus em nosso território ainda no século XVI, entretanto os processos de colonização prosseguiram como modelos dominantes nesta região ao longo dos demais séculos. Como metodologia, parti do pressuposto de que a moda é identidade, tal como pontua Kellner (2001), onde esta desperta o interesse por estudos culturais oferecendo modelo e material para a construção de identidades. Cada composição têxtil apresentada no projeto, traduz por meio de tecidos, cores e texturas, a complexidade das identidades representadas. Não se tratando de figurino ou fantasia, mas de uma obra plástica que comunica narrativas visuais, onde a moda e arte não se opõem, mas se interpretam, formando um campo híbrido no qual o vestuário assume lugar de obra de arte e a arte assume corpo de moda.

Antigos debates, novas performances

Ao optar por uma abordagem centrada na cultura visual, a exposição se ancorou nas possibilidades que as imagens nos proporcionam ao falarem por si mesmas, uma vez que as composições expostas não necessitavam de longas legendas para serem compreendidas, pois seus signos, cores e formas já comunicavam universos inteiros. Este mergulho possibilitou o convite ao espectador para aprofundar-se em outros sentidos. Privilegiando a cultura visual como abordagem para o trabalho, coadunei com a ideia de Corrêa (2020) onde as imagens não precisam de um método para serem analisadas, elas falam por si mesmas e, por isso, desenvolvem um papel importante na vida e na cultura das pessoas.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A partir dos anos de 1970, por exemplo, nos deparamos com um cenário de disputa e pensamento hegemônico do governo brasileiro, onde o lema era ocupar para integrar. Desta maneira, a região amazônica sofreu com diversas formas de extrativismo, e com seus novos residentes que conflitavam com as culturas indígenas e quilombolas aqui já estabelecidas. A escolha em representar estes povos é política. Trata-se de um gesto de reconhecimento da diversidade histórica da região, sobretudo da necessidade de visibilidade aos sujeitos historicamente marginalizados.

Para Quijano (2005) a colonialidade do poder como uma estrutura que naturalizou hierarquias raciais e culturais, foi a responsável em relegar os saberes não europeus ao lugar de subalternidade. Ilustrando assim, as relações de poder e de classes estabelecidas em nossa sociedade. Portanto, partimos do princípio de que estes sistemas simbólicos

diferenciam-se segundo sua instância de produção e de recepção. E a autonomia de determinado campo constitui-se na medida em que um corpo especializado de produtores de discursos se desenvolve. O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer (...) só se exerce se for reconhecido. (BOURDIEU, 2010, p. 14).

A complexidade que aqui nos interessa, está carregada de significados no vestir desta moda e seu entrelaçamento com diversas lógicas de significação nas sociedades atuais, onde estas se apresentam, sendo apreciadas e reconhecidas visualmente pelo espectador. É preciso decolonizar e compreender que todas as culturas produzem valores e modelos, que determinam e validam conjuntos de princípios quer formam seus ideais de beleza, estando estes ligados diretamente ao seu ethos e modus vivendi.

É necessária maestria ao interpretarmos a produção do vestir como espaço existente da permanência de valores e ideais das sociedades. Configurado a partir de cânones delineados por gerações passadas, o vestir é transpassado por sua complexidade em esferas sociológicas, antropológicas, psicológicas e artísticas. Sua sublimação envereda por debates que constituem a política e economia, indo para além do alcance de frivolidades. O mesmo assume como meandro vivo, a cultura e suas práticas identitárias, enraizado em significados que seguem expressões características de sociedades presentes em tempos contemporâneos. Doravante, este fazer esteja associado às cronologias temporais, ressaltando que existem vestígios que explicitam as imagens associadas ao fenômeno da moda e performances dos sujeitos. Para Benjamin (2005):



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo *tempo-de-agora* (*jetztzeit*). Assim, a Roma antiga era, para Robespierre, um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história. A Revolução Francesa compreendia-se como uma Roma retornada. Ela citava a antiga Roma exatamente como a moda cita um traje do passado. A moda tem faro para o atual, onde quer que este se mova no emaranhado do outrora. Ela é o salto do tigre em direção ao passado. Só que ele ocorre numa arena em que a classe dominante comanda. O mesmo salto sob o céu livre da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução. (BENJAMIN, 2005, p. 119)

Desta maneira, somos inclinados a imaginar, através desta exposição, possibilidades para que o salto do tigre ocorra não somente em direções lineares da realidade eurocêntrica, mas que este possibilite espaços para deslocamentos históricos e geográficos, com sua introdução e permanência em acontecimentos diversos. Essa forma de repensarmos as estruturas sociais e históricas, possibilitará o desague em novas leituras acerca das outras trajetórias do vestir que estavam sendo representadas e, que seguem criando representações da imaginação do fenômeno da moda em outras sociedades, ocasionando assim, uma revolução em concepções e entendimentos destes conceitos.

Essas transformações estão diretamente atreladas às denominações que utilizamos em nosso cotidiano, havendo necessidade de serem repensadas urgentemente como formas de contrariar os fundamentos coloniais na contemporaneidade. Essa ruptura é o que Nêgo Bispo (2023) irá traduzir como guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las, nos direcionando para uma prática contra o adestramento eurocolonizador. Seu trabalho é parte do contexto do Sul-global em roçados e nos incita à pugna para práticas presentes em tempos antigos, e que se perfazem no embate ancestral do campo germinante das ideias.

Nessas confluências pelas quais somos atravessados, surge o questionamento sobre conceitos cristalizados nas grandes áreas do conhecimento, a exemplo do nosso campo, as belas artes. Ouso questionar o que é compreendido como o belo, categoria esta que não é universal, e surge fundamentada em contínua ascensão na ágora de universidades, as quais persistem em fomentar autores e sentidos para seu entendimento que não perfazem as reais vivências do belo nos trópicos em que habitamos.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Tensões nas tecituras

No campo da arte, moda e da produção cultural, a persistência identitária têm-se mostrado particularmente potente. Artistas com temáticas até então invisibilizadas, estão ressignificando sua presença em espaços urbanos e institucionais, engajando sua legitimidade histórica como luta política e territorial. Centralizando as múltiplas produções artísticas como linguagens de retomada, espaços de cura e pontes entre o ancestral e o porvir. Nessa disputa por espaços e construções de subjetividades, Miranda (2017) reitera o lugar dos corpos, onde

Todos os indivíduos são engajados, de certa forma, no gerenciamento de sua aparência diária. [...] A aparência de uma pessoa é o primeiro estágio de interação, e as primeiras impressões recolhidas dessa interação são cruciais para interações futuras, depois vem a roupa como um formulário de identificação e do transporte dos valores e da opinião. (MIRANDA, 2017, p. 50).

Figura 1: Te[ci]turas Indígenas, 2024.



Fonte: Acervo do autor, 2024.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Na figura 1, a obra Te[ci]turas Indígenas, é possível averiguarmos a escolha de manequins femininas para a exposição, e reforço que não foi intenção neutra. Tal escolha remete ao protagonismo das mulheres na transmissão de saberes têxteis e culturais na Amazônia, com as ribeirinhas, artesãs, bordadeiras e indígenas que são responsáveis em grande parte pela preservação e reinvenção de práticas manuais, que ao longo dos séculos resistiram às imposições coloniais e à industrialização.

A obra integra um conjunto que busca ressignificar a moda como linguagem de memória e identidade cultural, e que expõem uma estrutura que dialoga diretamente com elementos tradicionais da Amazônia, tais como o grafismo indígena estampado com as sementes no cropped, as fibras vegetais aplicadas na indumentária e o adorno de cabeça que é cestaria trançada artesanalmente por mulheres do povo Yanomami. Combinando de forma materializada a fusão entre técnicas ancestrais e a proposta contemporânea de arte e moda engajada pelo artista amazônico.

Do ponto de vista conceitual, a obra tensiona entre o corpo, identidade e a memória cultural. Ao trajar a manequim com signos próprios da Amazônia, proponho uma reflexão sobre o pertencimento e visibilidade, questionando narrativas coloniais que historicamente invisibilizaram tais estéticas. Trata-se de um gesto político, que desloca objetos do cotidiano, como o próprio cesto de fibras naturais, para o campo da arte, conferindo-lhes nova legitimidade estética. Para a pesquisadora Martins (2021)

Apesar de toda a repressão, o que a história nos ostenta é que, por mais que as práticas performáticas dos povos indígenas e dos africanos fossem proibidas, demonizadas, coagidas e excluídas, essas mesmas práticas, por vários processos de restauração e resistência, garantiram a sobrevivência de uma corpora de conhecimento que resistiu às tentativas de seu total apagamento, seja por camuflagem, por sua transformação, seja por inúmeros modos de recriação que materializaram todo o processo de formação das híbridas culturas americanas. (MARTINS, 2021, p. 35).

Dessa forma, se observa a combinação entre a modelagem e a força simbólica dos materiais que evidenciam uma proposta para além da formalidade, tornando-a mais conceitual. A obra se mostra adornada por uma túnica clara e leve em algodão cru, com tingimento de chá de cajú, planta da região muito utilizada pelas mulheres para fins medicinais. Perfaz uma presença dialética entre o etéreo e o sólido traduzido no campo visual, sendo tensão entre a tradição e a contemporaneidade, resistência e transformação.



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Pode-se compreender a obra como parte do projeto, e que o mesmo, possui uma maior reinscrição cultural na cena artística amazônica ao utilizar o têxtil como meio. Assim, o artista reivindica a moda como narrativa visual e política, onde as manequins não representam apenas corpos vestido, mas corpos simbólicos que carregam as ancestralidades e potências criativas desta região.

Tecendo outras tramas

A exposição não se limitou a um espaço contemplativo, ela também assumiu uma função pedagógica ao circular por diferentes zonas da cidade de Manaus, alcançando públicos distintos, criando oportunidades de reflexão para comunidades que muitas vezes não tinham acesso a espaços de arte institucionalizados. Essa circulação ampliou o alcance do projeto, permitindo que a arte têxtil se tornasse ferramenta de educação cultural e valorização das identidades locais.

Figura 2: Te[ci]turas Ribeirinhas, 2024.



Fonte: Acervo do autor, 2024.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

É possível dimensionarmos através do registro da obra Te[ci]turas Ribeirinhas (Figura 2), o impacto causado por essa dimensão pedagógica da arte como prática social. Apresentando ao público residente em zonas periféricas da cidade de Manaus, uma obra que cria uma visualidade marcada pela simplicidade rústica e sua potência simbólica, evocando memórias sociais de muitos que migraram dos interiores da Amazônia para o grande centro citadino, às suas religiosidades populares e às suas práticas de proteção contra o sol intenso de nossa região.

O chapéu de palha, tradicionalmente utilizado por agricultores, pescadores e ribeirinhos, aqui é deslocado para o espaço artístico, funcionando como dispositivo simbólico do trabalho e resistência cotidiana dessas populações que vivem em contato direto com a terra e a água. Ao mesmo tempo, aparecem tecidos mais elaborados na saia clara, sugerindo um trânsito entre universos: do erudito ao popular, do rural ao urbano, do artesanal ao institucional. Criando tensões e outras tramas para leituras sobre nossa Amazônia contemporânea.

O surgimento do lenço floral amarelo com estampas azuis, todo em chita, encobre quase que completamente o rosto da manequim, e se destaca como ponto mais expressivo da obra. Para Gonzaga (2021), a identidade e pertencimento étnico não são conceitos estáticos e imutáveis, mas processos dinâmicos de composição individual e social. Dessa forma, o lenço nos provoca a pensar no ocultamento, a invisibilidade de identidades, mas destaca uma identidade coletiva que nos remete às mulheres do campo e ribeirinhas. Sendo esse gesto interpretado como parte da invisibilidade social a que muitas delas foram submetidas, e ao mesmo tempo aproximando-se da possibilidade de reafirmação da potência de suas culturas.

Considerações Finais

Compreende-se a exposição Te[ci]turas Aamazônica como projeto de tensão entre a arte e a moda na Amazônia, uma vez que o artista se apropria deste campo para tecer memórias e identidades políticas. O artista buscou revelar uma reflexão crítica sobre a identidade cultural da região e o desafio de reposicionar o vestir enquanto linguagem artística e social. A mostra nos brinda com esse dispositivo que desafia a visão eurocêntrica que historicamente limitou a moda a um espaço de consumo elitizado, ampliando agora seus sentidos através da prática decolonial.



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Ao trazer para o espaço expositivo elementos como cestarias, grafismos indígenas, chapéus de palha e tecidos que remetem ao cotidiano ribeirinho e quilombola, o artista amplia as fronteiras dentro do próprio campo das artes visuais. Esse gesto reforça a importância da valorização de práticas locais como fontes legítimas de criação estética e de produção de conhecimento, contribuindo para a discussão sobre decolonialidade na arte e na moda. Por fim, a exposição deixa como legado uma contribuição significativa ao campo da moda e da arte contemporânea brasileira, ao costurar ancestralidade e contemporaneidade, tradição e experimentação, demonstrando que o têxtil pode ser território de criação fértil, capaz de articular estética, política e cultura amazônica.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: LOWY, M. Walter Benjamin: Aviso de Incêndio: uma leitura das “Teses sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA, 2010.

CÔRREA, Milena Regina Duarte. **Cultura visual como abordagem para uma pesquisa em artes visuais**. In: *Revista de Ciências Humanas e Sociais*. v. 6, n. 1, Edição Especial. 2020.

GONZAGA, Alvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena**. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.